



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ISLANNY CRISTINA RODRIGUES RIBEIRO

**Práticas Educativas do professor do Atendimento Educacional Especializado  
(AEE) com alunos Surdos: um estudo de caso em uma escola estadual do  
município de Igarapé – Miri.**

ABAETETUBA-PA

2020

ISLANNY CRISTINA RODRIGUES RIBEIRO

**Práticas Educativas do professor do Atendimento Educacional Especializado  
(AEE) com alunos Surdos: um estudo de caso em uma escola estadual do  
município de Igarapé – Miri.**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará-Campus de Abaetetuba, como requisito para a obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da profª. Ma. Waldma Maíra Menezes de Oliveira.

Data da defesa: 21 de Novembro de 2020

Horário: 15:00 horas

Local: Abaetetuba

**Banca Examinadora:**

---

Profª Ma. Waldma Maíra Menezes Oliveira - Orientadora  
Campus Universitário do Tocantins/Cametá- CUNTINS  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof. Me Huber Kline Guedes Lobato – Membro interno  
Instituto de Letras e Comunicação – ILC  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof. Me Lucival Fábio Rodrigues da Silva – Membro interno  
Instituto de Letras e Comunicação – ILC  
Universidade Federal do Pará - UFPA

*Dedico este trabalho a DEUS, a minha mãe Edina e meu Pai Ivanilson, minha Irmã Ianny, a minha avó Nazaré, a meu avô Euzébio e aos meus familiares que sempre torceram pelo meu sucesso.*

*Dedico, também, as minhas amigas Francisca, Natalia e Sabrina e as intérpretes de Libras Ana Catarina, Mariane e Leticia, Veridiana e Marcivane, sou grata a vocês por me ajudaram a chegar até aqui. Apesar de tantas dificuldades que passei na vida, vocês as tiraram e mudaram a minha vida com seus conhecimentos e nunca me deixaram desistir. Sou imensamente grata a DEUS por ter colocado vocês no meio do meu caminho, por me darem a força que eu precisava para não DESISTIR.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por tudo, aos meus familiares, tios, tias, primos e primas por estarem sempre ao meu lado. Obrigada a minha mãe Edina Cristina por tudo, por sempre estar ao meu lado lutando pelos meus direitos, lutou comigo desde o ensino fundamental maior até a universidade e sei que continuará lutando comigo. Obrigada por tudo, mãe.

Obrigada a minha avó Maria de Nazaré, por sempre estar ao meu lado e ouvir sempre os meus desabafos com as dificuldades do curso, ajudando-me e orientando-me em como fazer meus trabalhos da universidade. Obrigada por sempre cuidar de mim! Obrigada ao meu avô Euzébio Pinheiro por tudo que faz por mim, entendendo que precisava deixar eu seguir minha vida para cursar o curso de pedagogia. Mesmo com medo com que a vida que traga algo que me machucasse, saiba que tive muitas experiências que me fizeram aprender a lidar com a vida.

Obrigada a minha irmã que também sempre esteve ao meu lado para tudo, apoiando-me e me dando força sempre. Você é a minha força e vai continuar sendo. Ao papai, Ivanilson Bento, obrigada por ter me dado aquele momento que jamais irei esquecer, por ter dado aquele sorriso de uma grande felicidade vendo a sua filha que sabia ler, quando eu estava lendo pela legenda na televisão. Esse foi uns dos momentos que me deram força para acreditar que mesmo sendo Surda sou capaz de conquistar os meus sonhos. Obrigada, papai. Hoje eu imagino que o senhor está ao meu lado com aquele grande sorriso de felicidade de ver umas das minhas conquistas de defender o meu TCC, ainda mais sendo escrita por mim mesma.

Agradeço a minha avó Maria de Lourdes por sempre torcer e desejar tudo de bom que há para mim. Quero agradecer a Francisca Sacramento que sempre está ao meu lado na universidade e fora do ambiente da universidade ouvindo os meus desabafos quando sentia dificuldades com a falta da acessibilidade na Universidade. Você estava lá me ouvindo sempre e me ajudando, sou grata pela sua amizade e carinho e obrigada por tudo.

Agradeço às intérpretes de Libras que também foram minhas professoras do AEE, Ana Catarina e Mariane Castro, que se tornaram minhas grandes amigas que levarei para sempre no meu coração, pois vocês me ensinaram a ser quem sou hoje, orientando-me, aconselhando-me e me ajudando. Muito obrigada. Agradeço a Leticia, também minha interprete e professora do AEE, a qual me ajudou muito no meu

desenvolvimento na escrita da língua portuguesa. Também graças a você estou aqui na universidade. Também agradeço às professoras Veridiana e Marcivane por me ensinarem a Libras. Com elas eu descobri o meu novo mundo de compreensão e entendimento na vida.

Quero agradecer às minhas amigas surdas Natalia Correa e Sabrina Cristh por terem me ajudado muito, sou grata a vocês por terem vocês na minha vida e grata a vocês também por eu conseguir chegar aqui na universidade com os compartilhamentos de conhecimentos que tivemos entre nós. Agradeço a você também Rannielly Costa por me ajudar muito no ensino médio, até quando fiquei sem intérprete. Você nos ajudou em interpretar para nos incluir no aprendizado. Agradeço a Ediane Costa pela sua amizade, desde criança e até hoje, obrigada por sempre estar ao meu lado.

Agradeço à comunidade surda que me fez evoluir. Agradeço aos meus amigos da Testemunha de Jeová que me acompanharam desde sempre que tive contato, sempre torcendo por mim e querendo saber como está meu estudo. Quero agradecer a minha orientadora Waldma Oliveira por aceitar ser minha orientadora, pela paciência e por ter me orientado e tirado minhas dúvidas e obrigada pelo aprendizado na área da surdez que aprendi muito com você. Agradeço também Aurilene, Natalia e Kézia por me aceitar no grupo de trabalho com vocês. Agradeço aos intérpretes Santana, Paulo, Madalena por sempre fazerem esforço na interpretação na sala de aula, apesar da interpretação ser um trabalho pesado e cansativo, mas foram profissionais excelentíssimos. Muito obrigada.

Sou imensamente grata a DEUS por ter colocado vocês no caminho da minha vida e assim cheguei aonde estou e sigo realizando o meu sonho.

## RESUMO:

A pesquisa intitulada *Práticas Educativas do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) com alunos Surdos: um estudo de caso em uma escola estadual do município de Igarapé – Miri* apresenta como foco o AEE para Surdos na escola como também ilustra o tipo de atendimento que os alunos Surdos deveriam ter. Além disso conto a minha experiência escolar no Atendimento Educacional Especializado para compreender, a partir da experiência de aluna surda, como deve ser o atendimento ao aluno Surdo dentro da sala de recursos multifuncionais. O objetivo geral é analisar as práticas educativas do professor do AEE e de maneira específica verificar a formação inicial e continuada do profissional que atende alunos Surdos no AEE, analisar a importância do AEE e investigar se os métodos estão de acordo com o aprendizado do aluno Surdo. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativo, desdobrando-se em um estudo de caso. Fiz uso da entrevista semiestruturada com o professor Surdo do AEE bem como da *observação in lócus*. Os dados foram analisados e discutidos, com base na análise de conteúdo de Bardin, em cinco categorias: práticas educativas, planejamentos, metodologias, limite de possibilidades do AEE e professor Surdo: modelo identitário e linguístico. Os resultados ilustram que os alunos Surdos necessitam de recursos adaptados, ampliação do tempo do atendimento e a importância da figura do professor Surdo no AEE como modelo identitário e linguístico.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado, Professor Surdo, Inclusão, Surdez.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **FOTO**

FOTO 1: Professor ensinando aluno Surdo no AEE.

FOTO 2: Livro adaptado com o visual das cores, sinal em Libras e escrita na língua portuguesa.

FOTO 3: Explicando as saudações de *bom dia*, *boa tarde* e *boa noite* e também o alfabeto.

FOTO 4: Recursos tecnológicos do AEE.

FOTO 5: Jogos lúdicos adaptado do AEE.

FOTO 6: Jogos didáticos adaptado para alunos Surdos.

FOTO 7: Materiais adaptados de matemática.

## LISTA DE SIGLAS

<b>AEE</b>	Atendimento Educacional Especializado
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>LBI</b>	Lei Brasileira da Inclusão
<b>LIBRAS</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>TILS</b>	Tradutor e intérprete de Língua de Sinais

## Sumário

<u>1- Introdução</u> .....	10
<u>2- Metodologia</u> .....	16
<u>3- ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA OS ALUNOS SURDOS: O QUE A LEGISLAÇÃO DIZ?</u> .....	18
<u>3.1- LEI DA LIBRAS</u> .....	18
<u>3.2- DECRETO DA LIBRAS</u> .....	18
<u>3.3- DECRETO DO AEE</u> .....	22
<u>3.4- LEI BRASILEIRA DA INCLUSÃO - LBI</u> .....	26
<u>4- RESULTADOS E DISCUSSÃO: Atendimento Educacional Especializado ao Educando Surdo</u> .....	29
<u>4.1- Prática Educativa</u> .....	29
<u>4.2- Planejamento</u> .....	32
<u>4.3- Metodologia</u> .....	34
<u>4.4- Limites e possibilidades do AEE</u> .....	39
<u>4.5- Professor Surdo: modelo identitário e linguístico</u> .....	41
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	43
<u>REFERÊNCIAS</u> .....	45

## **1- Introdução**

A escolha pela temática, Atendimento Educacional Especializado (AEE), ocorreu em decorrência de minha trajetória escolar. Estudei em escolas que não tinham a modalidade do AEE e em decorrência disso não tive um bom aprendizado, porque a professora não sabia como trabalhar com a aluna surda na sala de aula. Eu era uma pessoa que não entendia o que era a escola e o seu significado, não entendia que a escola era o lugar para estudar, o lugar em que eu ia desenvolver a minha educação mediante o ensino-aprendizagem ou que a professora que estava na sala de aula era o sujeito que ensinaria os alunos a se desenvolverem.

Somando-se a isso, se eu tivesse algum material escolar na minha mão como o lápis não sabia que ele serviria para escrever no caderno e que a tesoura serviria para cortar papel ou que o lápis de cor serviria para pintar. Eu estava na escola e sabia que lá era o lugar que eu ia todos os dias, mas não entendia o significado da escola ou que ao pegar os materiais escolares eu apenas pegava, mas não entendia que isso servia para pintar, escrever, cortar.

Na Educação Infantil estudei em uma escola em que os professores não tinham formação na área da educação especial. Não tenho lembrança do jardim 01, 02 e 03, mas tenho lembrança da 1ª série. Estudei junto com pessoas sem deficiência e na sala do ensino regular eu não era entendida, não conseguia fazer as atividades, as avaliações, olhava para escola e não entendia o que era escola, a função dos professores e dos “meus colegas”. Não sabia o que estava fazendo lá e eu estava confusa e muito angustiada. Por todos esses motivos, eu saí da escola sem concluir a 1ª série.

Como Freire (2005) já nos alertava, o aluno não abandona a escola e sim é expulso dela. A pessoa com deficiência, na maioria dos casos, é expulsa da educação formal mediante a falta de formação dos professores, ausência da acessibilidade entre outros.

Mudei de escola quando tinha 08 anos. A nova escola atendia alunos com deficiência – Surdos, cegos, cadeirantes, autistas. Não havia separação para alunos Surdos ou alunos cegos e ficávamos todos juntos em uma sala. Tinha duas professoras na sala de aula a qual era dividida de modo que em cada metade cada educadora trabalhava com seus alunos, porém não me ensinaram Libras. Recordo-me que lá havia outros Surdos, mas nenhum usava a Língua Brasileira de Sinais (Libras); portanto, não

me comunicava em Libras com os colegas Surdos, como também nem sabia o que era ser Surdo. Nesta escola fiquei por um ano.

Novamente mudei de escola e a minha educação escolar da 2º a 4º série se deu em sala segregada<sup>1</sup> em uma sala só para Surdos. Nesse período, encontrei dois Surdos na sala de aula e quando eles vieram falar comigo em Libras fiquei confusa sem entender por que estavam falando daquela maneira. Eu ainda não sabia o que era Libras, mas eu senti que era algo bom.

Uma professora veio falar comigo explicando com muita paciência até eu entender. Então encontrei uma professora que sabia como trabalhar com os Surdos e tive a oportunidade de aprender a Libras. Foi assim que a minha mente se abriu e comecei a pensar e compreender o que era escola, o que era professora e o que eu estava fazendo na sala de aula. Eu consegui ter esses pensamentos por ter aprendido a Libras e aprendi a me comunicar e poder perguntar as dúvidas que eu tinha quando comecei a ter pensamentos.

Também descobri a minha identidade: SOU SURDA. Compreendi as minhas dificuldades na comunicação, compreendi porque eu via as pessoas falarem e eu não podia falar e por fim entendi o motivo de viver angustiada. Nesta escola tive contato com os Surdos, que me ajudaram a desenvolver mais rápido a Libras, já que eu estava um pouco atrasada no aprendizado e mediante isso aprendi a ler. Com as convivências que tive nesta escola, com os alunos Surdos, pude de fato me desenvolver.

Anos depois ocorreu uma mudança na escola, em que os alunos Surdos não poderiam mais estudar em sala segregada e então começamos a estudar junto com alunos sem deficiência em sala regular. De acordo com Brasil (2004)

Ao longo dessa trajetória, verificou-se a necessidade de se reestruturar os sistemas de ensino, que devem se organizar para dar respostas às necessidades educacionais de todos os alunos. O caminho foi longo, mas aos poucos está surgindo uma nova mentalidade, cujos resultados deverão ser alcançados pelo esforço de todos, no reconhecimento dos direitos dos cidadãos. O principal direito refere-se à preservação da dignidade e à busca da identidade como cidadãos. Esse direito pode ser alcançado por meio da implementação da política nacional de educação especial. Existe uma dívida social a ser resgatada. (BRASIL, 2004, p. 324).

---

<sup>1</sup> A escola segregada era uma sala que os alunos com deficiência estudavam separados dos alunos sem deficiência, que separava os alunos com deficiência com pessoas sem deficiência. E os alunos com deficiência não conviviam com outras pessoas e não podiam ser incluídas nas atividades com outras pessoas, nas festinhas da escola, na educação física.

Na educação inclusiva, quando comecei a estudar com os alunos sem deficiência, tive a oportunidade de complementar minha formação no contra-turno, no Atendimento Educacional Especializado<sup>2</sup>. De acordo com o decreto 7.611

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltados a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Para fins deste Decreto, os serviços de que trata o **caput** serão denominados atendimento educacional especializado, compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas:

I - complementar a formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais; ou

II - suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 2011, p. 01)

Assim, os objetivos do atendimento educacional especializado estão previsto no art. 03, sendo eles:

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes; II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular; III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2011, p. 01)

No 5º ano, eu tive a oportunidade de ter esse Atendimento Educacional Especializado. O atendimento que eu recebia era para desenvolver a língua portuguesa e os assuntos em que sentia dificuldades de entender na sala de aula. Tive um excelente rendimento e desenvolvimento no AEE. Tive o atendimento por 4 anos e nesse período era raro eu faltar ao AEE, porque as professoras desse espaço me incentivavam e eu me interessava pelo que estava aprendendo ali, pois as professoras adaptavam os materiais com imagens.

As minhas professoras do AEE que me atendia era os tils as próprias intérpretes da sala regular desde 5º a 8º série que me atendia elas interpretava em sala regular e no

---

<sup>2</sup> De acordo com o decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, o AEE disponibiliza na sala de recursos multifuncionais o ambiente com os materiais didáticos para as pessoas com deficiência que o frequentam, no contra turno, garantindo um ensino e aprendizagem com maior rendimento.

contra turno voltava para o AEE e agia como professora do AEE para atender os alunos Surdos.

O decreto do AEE, Nº 5.626 de dezembro de 2005, capítulo IV, art. 14 diz que os alunos têm direito de ter um ensino do uso da Libras e o ensino da língua portuguesa desde a educação infantil até a superior. Nesse decreto consta que a primeira língua do Surdo é a língua de sinais e a segunda é a língua portuguesa. Então o aluno Surdo também tem direito de aprender dentro do AEE ambas as línguas.

No ensino médio tinha o AEE, mas era diferente do fundamental em que os professores sabiam Libras, pois os professores do AEE do ensino médio não sabiam se comunicar com os Surdos. Assim, eu faltava muito, porque não estava aprendendo nada naquele espaço. Nos momentos que ia para o AEE, eu fazia leitura labial, eu via e falava o sinal para as professoras do AEE, para fazer o sinal para os outros alunos Surdos, ou em dados momentos era eu que fazia o sinal para os meus colegas com o que as professoras estavam querendo falar. Não havia estímulos na aprendizagem, apenas reprodução do sinal não contextualizado e assim deixei de frequentar.

Ao lado dos meus amigos Surdos exigíamos um profissional que soubesse a Libras para realizar o AEE. Infelizmente nossa luta foi em vão, pois não conseguimos este profissional e a coordenação da escola adiava uma contratação. Lutamos por 3 anos no ensino médio e quase todo dia íamos à direção para falar com o gestor, *pedindo para ter professor no AEE que soubesse a Libras, explicávamos como era na sala do AEE, que nos não estávamos aprendendo nada por que as professoras não sabiam nossa língua* e o diretor dizia que ia resolver.

No outro dia voltávamos com os nossos familiares – minha mãe, pais de outros Surdos, tios, tias, irmãs – para exigirmos a contratação de um profissional bilíngue. Mas nunca tivemos sucesso, até hoje não sei se foi por falta de dinheiro para contratação, políticas públicas de acessibilidade ou porque o diretor da escola não acreditava que nós Surdos somos capazes de aprender. A luta perdurou por 3 anos e saímos de lá sem conseguir o professor bilíngue para o AEE.

Assim, terminei o ensino médio insatisfeita por não ter tido uma boa aprendizagem dos conteúdos. A única coisa que aprendia no AEE era matemática, as outras disciplinas não foram trabalhadas. Acredito que as professoras só ensinavam matemática, pois eram números e não precisavam usar tantos sinais para explicar o conteúdo.

Hoje eu comparo o meu Atendimento Educacional Especializado no fundamental maior e no ensino médio e chego à seguinte conclusão: no fundamental maior eu tive um aprendizado significativo, pois o ensino era voltado para a Libras e a língua portuguesa como L2; já no ensino médio, meu desejo era aprofundar mais na escrita do português para poder fazer a redação, mas infelizmente não se ensinava português no AEE e eu tive que me esforçar muito para fazer uma boa redação e passar no vestibular.

Então, eu tive a experiência das práticas educativas dos professores do AEE - no fundamental sabendo a Libras e no ensino médio os professores não – e passei por muitas dificuldades no AEE do ensino médio. Assim reafirmo a necessidade de todos os professores serem bilíngues, isto é, saber a Libras para poder trabalhar com Surdos no AEE.

Eu cresci sabendo como é a vida de um ser Surdo sem saber que é Surdo, sem saber por que não pode se comunicar, sem conseguir entender a aula, sem saber o que é aquilo que está vendo e as suas angústias, vivi tudo isso. E depois vivenciei quando alguém descobre que é Surdo, quando alguém descobre que pode se comunicar através da Libras e que, neste caso, eu podia aprender na sala de aula mediante ela. É maravilhoso sentir a diferença linguística e da identidade surda.

Eu descobri que sou surda vendo os outros Surdos, vendo que eles são iguais a mim e vendo que sou igual a eles, que eles também não ouvem e que precisam da língua de sinais para se comunicar e foi a interação com outros Surdos que me ajudou a progredir. Para Sá (2006), a identidade é construída no encontro com seus pares, com o outro e a partir do outro e não no vazio. É a partir desse encontro que os Surdos começam a se narrar de forma diferente, de modo que suas identidades passam a se fundamentar na diferença como princípio de alteridade.

Eu vivi no ensino médio uma escolarização em que os professores não acreditavam nos Surdos, vivi em um espaço em que pairava a seguinte representação: *já que é surda não vai aprender*, na qual os professores não faziam esforços para nos ensinar. Todavia vivi, também, a outra face da moeda em que os professores acreditavam nos Surdos e que faziam esforços para ajudar os alunos Surdos.

Por isso, antes dos professores atuarem no AEE, eles precisam acreditar que nós Surdos somos capazes de aprender e se os professores se esforçarem para nos ensinar de verdade, e também ter contato com Surdos, conhecer as nossas histórias ficará mais fácil para eles trabalharem conosco no AEE.

E esse foi o motivo da minha escolha para a produção deste trabalho de conclusão de curso, pois percebo que o atendimento educacional especializado é importante para alunos Surdos, porque se não existisse o atendimento educacional especializado para ensinar a Libras e a Língua portuguesa como L2 os alunos Surdos não teriam a oportunidade de ter um ensino aprendido pleno na escola.

Eu estudei no atendimento educacional especializado e senti que ele é bom para alunos Surdos, porque os alunos vão começar a ter pensamentos, aprender que são capazes de ter um futuro, que podem estudar em universidades, podem trabalhar e também é neste espaço que muitos Surdos começam a ter aquisição da Libras.

Por isso escolhi o tema, para contar as minhas experiências nesta modalidade, contar como funciona o AEE e qual importância dele na formação do aluno Surdo, bem como para a escola orientar os pais dos alunos Surdos a matricularem seu filho no contra-turno para ele ter um atendimento que o ajude a evoluir mais rápido no aprendizado. Então, hoje eu reflito sobre a importância do AEE para os Surdos mediante minhas experiências pessoais e acadêmicas neste espaço.

Assim, o AEE apresenta os seguintes pontos positivos: 1. O AEE ajuda os alunos a mudarem o seu comportamento pessoal pelo reconhecimento de sua diferença; 2. Os professores do AEE fazem materiais didáticos adaptados para alunos Surdos entenderem melhor o conteúdo; 3. Trabalha com as dificuldades na aprendizagem dos alunos Surdos e os ajudam a superá-las.

Somando-se a isso, destaco que os profissionais do AEE podem ser professores ouvintes ou Surdos, mas é relevante que seja professor Surdo, porque este profissional tem experiência, contato com a comunidade surda, conhece a história e a cultura do Surdo e principalmente sabe como o aluno Surdo pode aprender.

Outro elemento importante é que o aluno se sente bem com o professor Surdo, o aluno Surdo admira o professor Surdo e reflete que um dia pode ser igual ao professor, se não tive o professor Surdo no AEE, quem o aluno Surdo vai admirar? Para Lopes (2007, p. 79) “muitos Surdos adultos que estão sendo referência para outros Surdos é uma forma de atualizar a luta surda, mostrando as sofisticções nas estratégias de dominação forjadas nos dias de hoje”.

Oliveira (2016) reafirma tal afirmação ao retratar que os educadores Surdos “compreendem a necessidade de uma educação bilíngue, que favoreça as diferenças, as identidades e traga o professor Surdo como modelo educacional e social e que favoreça a aprendizagem do educando Surdo”.

Por fim, o aluno começa a aceitar a sua identidade de ser Surdo, Libras e aceitar a se comunicar por meio dela, tendo em vista a presença professor Surdo no AEE que é o seu exemplo identitário, linguístico e afetivo. Assim, o presente trabalho apresenta como objetivo geral analisar se as práticas educativas do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) com alunos Surdos do 6º ao 9º ano, de uma escola estadual do município de Igarapé Miri, estão de acordo com as políticas educacionais na área da Surdez. De maneira específica, busco verificar a formação inicial e continuada do profissional que atende alunos Surdos no AEE; analisar a importância do AEE no desenvolvimento educacional dos alunos Surdos; investigar se as metodologias utilizadas no AEE com alunos Surdos favorecem a aprendizagem/aquisição da Libras e identificar os limites e possibilidades do AEE com alunos Surdos em uma escola estadual do município de Igarapé – Miri.

Diante do exposto, vale ressaltar que a presente proposta visa responder à seguinte problemática: As práticas educativas utilizadas pelo professor do AEE na educação de Surdos contribuem para a aprendizagem dos conteúdos curriculares pelos educandos?

## **2- Metodologia**

A pesquisa de campo realizada é de abordagem de caráter qualitativo que tem como principal objetivo interpretar o fenômeno que observa na práxis. Assim, o tipo de pesquisa é qualitativa para investigar dentro da escola no foco no atendimento educacional especializado como o professor realiza o AEE com os alunos Surdos. De acordo com Minayo (1994)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994. P. 22)

A pesquisa caracteriza-se sendo um estudo de caso, pois se concentra a pesquisar o atendimento educacional especializado, aprofundar na pesquisar e compreender o AEE e depois esclarecer como funciona o AEE. Para Fonseca (2002)

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser

estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Somando-se a isso, destaca-se a observação *in lócus*. De acordo com Triviños (2007)

Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando por exemplo atenção em suas características (cor, tamanho etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparências e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações etc. (TRIVIÑOS 2007, p. 153)

Realizou-se uma entrevista semiestruturada com o professor Surdo do AEE. A entrevista semiestruturada é descrita por Triviños (2007) sendo

Em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 2007, p. 146)

Ao sujeito da pesquisa foi solicitado a confirmação e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e para preservar a identidade do entrevistado utilizou-se de nome fictício, conforme descrito na tabela a seguir:

Nome fictício	Idade	Formação	Tempo de atuação	Tempo de atuação na escola
Pedro	37	Licenciatura em pedagogia	2007	Agosto de 2017

Fonte: elaboração própria

Os dados foram analisados através da categorização, dessa forma, as categorias discutidas foram elaboradas *a priori* em função dos objetivos a serem alcançados e foram sistematizados em categorias analíticas, conforme o quadro a seguir:

Atendimento Educacional Especializado	Prática Educativa
	Planejamento
	Metodologia
	Limite e possibilidades do AEE
	Professor Surdo: modelo identitário e linguístico

Fonte: elaboração própria

A pesquisa aconteceu na escola Aristóteles Emiliano de castro, localizada na rua Major Lira Lobato no bairro centro no município de Igarapé Miri-Pará, na sala do atendimento educacional especializado. No primeiro e segundo dia houve observação na sala do AEE e no terceiro dia ocorreu a entrevista com o professor junto com a intérprete para fazer a voz para gravar o áudio no gravador.

### **3. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA OS ALUNOS SURDOS: O QUE A LEGISLAÇÃO DIZ?**

#### **3.1- LEI DA LIBRAS**

No capítulo I, a lei nº 10.436 oficializou no dia 24 de abril de 2002 a Libras como meio de comunicação para os Surdos. De acordo com Pinheiro (2010, p. 49), a Libras

É uma língua viva, autônoma, capaz de transmitir todo e qualquer conceito, dos mais complexos até os mais abstratos. Os usuários da Libras, podem discutir sobre todo e qualquer assunto, desde economia, política, física, literatura, histórias de humor, etc. É considerada como língua natural, uma vez que, ela surge de forma espontânea no meio da comunidade surda, em face da necessidade destes, em se comunicarem uns com os outros. Diferencia-se da linguagem, por possuir todos os requisitos que a conferem como língua, tais como: aspectos fonológicos, morfológicos, sintaxe, semântica e pragmática.

Assim sendo, a Libras é uma língua natural igual à língua portuguesa, pois a Libras é um meio de comunicação como a língua portuguesa. De acordo com Pinheiro (2010, p.49) “através da Libras os Surdos conseguem se comunicar com os temas de economia, política, física, literatura, histórias de humor, etc.”

#### **3.2- DECRETO DA LIBRAS**

O decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 descreve no capítulo I que

art. 1 A Língua Brasileira de Sinais – Libras – será um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino (BRASIL, 2005, p. 01)

A inserção da disciplina de Libras tornou-se obrigatória nos cursos de formações, pois assim os professores estão se preparando para atuar com os sujeitos Surdos em seus trabalhos. Assim, aqueles que fizeram a formação irão realizar um trabalho melhor para incluir seus alunos tendo uma comunicação melhor com os seus alunos Surdos. O AEE é um exemplo de como os profissionais podem atuar no e quem

tem acesso uma disciplina de Libras terá mais chances de executar um trabalho o qual permita ao aluno ter acesso à comunicação e às informações.

No 2º artigo do decreto consta:

Art. 2º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja professor com título, em nível de graduação, para o ensino de Libras em cursos da educação superior, esse componente curricular poderá ser ministrado por Professor ou, extraordinariamente, por Instrutor que apresentar o seguinte perfil:

I – Professor de Libras – usuário nativo dessa língua, que possua certificado de curso superior e certificado de proficiência em Libras obtido por meio de exame promovido pelo MEC; e

II – Instrutor de Libras – usuário nativo dessa língua, que possua certificado de curso de nível médio e certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras promovido pelo MEC.

O art. 2º também diz que a partir de 2002 houve um período de 10 anos para se ter professor com título no nível de graduação para o ensino de Libras em cursos da educação superior e hoje estamos em 2020. Tal profissional pode atuar como professor de Libras, não havendo professor com o nível de graduação para o ensino de Libras em educação superior para trabalhar com essa língua, como diz o parágrafo I, desde que tenha certificado do curso superior junto com certificado de proficiência em Libras obtido por meio de exame promovido pelo MEC.

O parágrafo II diz também que este componente curricular pode ser ministrado pelo instrutor de Libras com certificado do nível médio e certificado de proficiência em Libras obtido por meio de exame promovido pelo MEC. Acredito que os professores tendo esses certificados terão domínio sobre a Libras para atuação tanto com a disciplina de Libras, quanto no AEE trabalhando com ensino da Libras para Surdos.

Obviamente não basta fazer graduação no ensino superior na área de ensino de Libras, ser professor de Libras com certificado superior junto com certificado de proficiência ou mesmo instrutor de Libras com certificado de ensino médio e certificado de proficiência na área de ensino da língua de sinais. É preciso sempre procurar outras formações para ampliação da prática melhor atendimento de seus alunos.

No art. 6º, percebemos a importância de ter o ensino da escrita portuguesa para Surdos nas formações dos professores desde a educação infantil até o superior, pois com a prática existente os professores entenderão como atender os alunos Surdos para ensinar a escrita portuguesa.

Art. 6º O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa para Surdos deverá ser um componente curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005, p. 02)

Desse modo, no AEE os profissionais também devem ter essas formações já que trabalham com os alunos Surdos e seu trabalho também é ensinar as duas línguas: a língua de sinais brasileira e a língua portuguesa.

Sabemos que a primeira língua do Surdo é a língua de sinais e os professores precisam ensinar primeiro a língua de sinais. Quando o educador perceber que o Surdo aprendeu a Libras se inicia o ensino de língua portuguesa, mas o trabalho com a escrita de português tem que ser com o uso da linguagem visual. Perlin (2014) diz que o uso de imagens é uma forma acessível de compreender a escrita portuguesa.

Daí o porquê do ensino por imagens, de forma que o conhecimento visual seja acessível, incluir as imagens de PowerPoint, fotografias, desenhos; de filmagens, vídeos, filmes; cenas de teatro, dramatizações, contação de histórias em Língua de Sinais, literatura surda com signwriting, etc (PERLIN 2014, p. 198).

Percebemos que quando o ensino é acessível para o Surdo aprender a escrita portuguesa ele consegue a aquisição da escrita portuguesa. Quem trabalhar com o aluno Surdo na escrita portuguesa deve se preparar e saber como ensinar este estudante antes de avaliar se o aluno tem domínio da Libras para trabalhar com a escrita portuguesa.

No capítulo II, art. 8º consta que as instituições desde o ensino infantil ao superior devem garantir o acesso de comunicação nos processos seletivos, atividades e nos curriculares desenvolvidos em todos os níveis.

Art. 8º As instituições de ensino da educação básica e superior, públicas e privadas, deverão garantir às pessoas surdas acessibilidade à comunicação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação.

No art. 8º - de I a VII – fala sobre professores, alunos Surdos, profissional tradutor e intérprete, a comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares), o atendimento para alunos Surdos no AEE, atenção na correção de provas e valorização da escrita do aluno Surdo na língua portuguesa, avaliação do conhecimento na Libras e recursos didáticos para alunos Surdos.

Assim sendo, os direitos do aluno Surdo exigem das instituições:

- I – capacitar os professores para o ensino e uso da Libras e para o ensino da Língua Portuguesa para Surdos;
- II – viabilizar o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa para os alunos Surdos;

III – prover as escolas com o profissional Tradutor e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa, como requisito de acessibilidade à comunicação e à educação de alunos Surdos em todas as atividades didático-pedagógicas;  
IV – viabilizar o atendimento educacional especializado para alunos Surdos;  
V – apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares;  
VI – flexibilizar os mecanismos de avaliação, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;  
VII – adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo; e  
VIII – disponibilizar equipamentos e recursos didáticos para apoiar alunos Surdos ou com deficiência auditiva.  
§ 2º O professor da Educação Básica, no prazo previsto no art. 2º neste Decreto, poderá exercer a função de professor-intérprete de Libras e Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005, p. 02)

Os alunos Surdos aprendem a língua portuguesa através do visual e na escrita da língua de sinais. Fernandes (2006) diz que as atividades de leitura com o uso da língua portuguesa precisam ser contextualizadas com uso de visual – uso de muitas imagens para compreender melhor a leitura na língua de portuguesa.

[...] as atividades de leitura em segunda língua para aprendizes Surdos, principalmente na fase inicial, devem ser contextualizadas em referenciais visuais que lhes permitam uma compreensão prévia do tema implicado, de modo que esse conhecimento seja mobilizado no processo de leitura propriamente dita. A leitura de imagens conduzirá o processo de reflexão e de inferências sobre a leitura de palavra. (FERNANDES, 2006, p. 20)

Esse trabalho de adaptar a leitura para alunos Surdos vem através do professor capacitado para ensinar a Libras e a língua portuguesa, evidenciando a importância dos professores em se capacitar na formação para ensino da Libras e português, pois são eles que trabalham com o ensino das duas línguas para Surdos. Sobre a formação de Libras para o ensino para o aluno Surdo, Santos, Coelho e Klein falam que na formação de professores em quatro anos há apenas uma disciplina durante quatro anos.

A disciplina de Libras inserida nos cursos de licenciatura forma os professores que serão responsáveis pelo ensino dos alunos Surdos nas escolas inclusivas, sendo ela a única disciplina específica desta área no seu currículo de formação. Assim, há um grande investimento na formação de professores de Libras, que estão recebendo formação em cursos que duram em média quatro anos, enquanto que os professores que receberão os alunos Surdos na escola regular têm apenas uma disciplina durante toda a sua formação nos cursos de licenciatura para darem resposta à demanda da inclusão. (SANTOS, COELHO, KLEIN, 2016 P. 10)

Por conta disso os professores não estão com o domínio de capacidade para o ensino da Libras para o aluno Surdo. Destarte, os Surdos serão prejudicados a menos que exista formação continuada com prática e não apenas um saber mais teórico para pleno atendimento do aluno Surdo.

Dito isso, é importante ressaltar que o tradutor/intérprete pode atuar em:

O tradutor/ intérprete de Libras deve ter formação em curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras/Língua Portuguesa. Contudo, de acordo com as mesmas condições estabelecidas para o professor de Libras, não havendo profissionais com tal formação, admite-se a contratação de profissionais com certificado de proficiência em Libras. Esse profissional trabalhará tanto no ensino fundamental, quanto médio e superior para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos Surdos. (SANTOS, COELHO, KLEIN, 2016 P. 9)

É de suma importância ter tradutores e intérpretes, pois são eles que trabalham em garantir o acesso dos alunos Surdos à comunicação e informação dentro da escola, sem o tradutor/intérprete o aluno não terá informação e comunicação dentro da escola.

### **3.3- DECRETO DO AEE.**

O Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, volta-se para a Libras dentro do contexto da educação especial e do atendimento educacional especializado. O AEE tem o objetivo de apoiar e garantir acesso, participação e aprendizagem aos estudantes com deficiência, altas habilidades/superdotação, transtornos globais do desenvolvimento à matrícula no espaço de recursos multifuncionais, no contra turno das aulas. O AEE tem materiais adaptados e recursos tecnológicos, além de professores especializados na área dos estudantes com deficiência para trabalhar com seu aluno um desenvolvimento intelectual e cognitivo pleno.

No art. 2º, a educação especial garante que os profissionais de apoio especializado possam trabalhar com os alunos com deficiência para impedir as barreiras de dificuldade dos estudantes e desse modo assegurar um processo de aprendizado na escolarização para todo os discentes com deficiência.

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou Superdotação (BRASIL, 2011, p. 01)

O primeiro inciso do artigo 2º do decreto explicam quais serviços de que trata no atendimento educacional especializado:

§ 1º Para fins deste Decreto, os serviços de que trata o **caput** serão denominados atendimento educacional especializado, compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas: I - complementar a formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, com apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas de recursos multifuncionais. (BRASIL, 2011, p. 01)

Destarte, o decreto explicar dentro do AEE os serviços que podemos usar para o processo do aluno. O parágrafo I diz ser necessário concluir a formação dos alunos com

deficiência dando apoio e atendimento a eles dentro do AEE. No inciso do art. 2º consta a necessidade de uma proposta pedagógica na escola, pois

§ 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011, p. 01)

Então percebemos ser de suma importância para o AEE fazer essa proposta de envolvimento da família na participação de escolarização e atender as necessidades dos estudantes com deficiência.

No art. 3º os objetivos do atendimento educacional especializado são:

Art. 3º São objetivos do atendimento educacional especializado: I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes; II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular; III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino. (BRASIL, 2011, p. 01)

Todos estes parágrafos visam à garantia de os alunos com deficiência terem acessos de todos os recursos ofertados no art. 3º em como os alunos podem ter conhecimentos através deles por meio de atendimento com o apoio especializado, bem como serviços de qualidade para o ensino regular e recursos didáticos que eliminem as dificuldades e mantenham continuidade de aprendizagem desde a educação infantil à superior.

De acordo com Oliveira (2014), o atendimento precisar ser de acordo com o aluno e que os profissionais devem desenvolver estratégias de adaptação as quais apoiem aquele aluno que precisar de apoio no seu desenvolvimento.

As atividades da sala de recursos multifuncionais devem estar articuladas com a proposta pedagógica do ensino comum, então se subentende que os profissionais destes espaços devem dialogar entre si para viabilizar as condições necessárias à escolarização destes educandos Surdos (OLIVEIRA, 2014 p. 147).

Os professores precisam estar preparados para atender aquele aluno e entender que os alunos Surdos aprendem através de recursos existentes no AEE. Assim o professor que atender o aluno refletirá sobre quais estratégias podem ser usadas para trabalhar com o estudante. Por isso é importante haver professores especializados que saibam como atender e garantir pleno aprendizado.

No artigo 5º, consta em como ampliar o atendimento educacional para todos os alunos com deficiência.

Art. 5º A União prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos Estados, Municípios e Distrito Federal, e a instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, com a finalidade de ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular. (BRASIL, 2011, p. 01)

O art. 5º, inciso 2º de I a IV, trata de melhoras no atendimento educacional especializado.

§ 2º O apoio técnico e financeiro de que trata o **caput** contemplará as seguintes ações: I - aprimoramento do atendimento educacional especializado já ofertado; II - implantação de salas de recursos multifuncionais; III - formação continuada de professores, inclusive para o desenvolvimento da educação bilíngue para estudantes Surdos ou com deficiência auditiva e do ensino do Braille para estudantes cegos ou com baixa visão; IV - formação de gestores, educadores e demais profissionais da escola para a educação na perspectiva da educação inclusiva, particularmente na aprendizagem, na participação e na criação de vínculos interpessoais. (BRASIL, 2011, p. 01)

Então percebo que esses parágrafos se mostram de suma importância para aprimorar o ambiente do AEE por meio de recursos multifuncionais e formações continuadas para os professores compreenderem melhor em como atender seus alunos, formações para todos aqueles que trabalharem nas escolas para entender a educação inclusiva, assim como saber lidar com os alunos com deficiência dentro da escola para este se sentirem incluídos.

Comenius (2012) afirma que se a escola quer ser inclusiva ela deve adaptar a prática para contribuir na construção do conhecimento partilhado para cada aluno.

Qualquer escola que deseje seguir uma política de Educação Inclusiva terá de desenvolver políticas, práticas e culturas que respeitem a diferença e a contribuição ativa de cada aluno para a construção de um conhecimento partilhado. Procura por esse meio alcançar, sem discriminação, a qualidade acadêmica e contexto sociocultural de todos os alunos. (COMENIUS, 2012, p. 3)

Tornar a escola em espaço onde realmente onde todos os alunos se sentem incluídos com oportunidade de conhecimento perpassa por encontrar uma estratégia de formação ou palestras na escola para todos os profissionais os quais trabalham na escola, com esses atores compreendendo no processo como se adaptar para todos os alunos com ou sem deficiência.

Para o Surdo dominar a sua língua devemos ressaltar que

A educação bilíngue para o Surdo deve estar baseada na utilização plena da língua de sinais para desta forma garantir o desenvolvimento intelectual e da linguagem e, assim, facilitar o aproveitamento escolar e, também facilitar o aprendizado da língua oral e escrita. (DELIBERATO, 2001, p. 28, apud MANZINI 2001).

Percebemos a importância de os professores terem formação continuada para o desenvolvimento do aluno Surdo, pois no AEE o educador ensinará a língua de sinais para depois avançar o seu trabalho com o raciocínio.

No inciso 3º e 4º, consta quais recursos que se oferta para o AEE, bem como os recursos de acessibilidade e aprendizagem.

§ 3º As salas de recursos multifuncionais são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado.

§ 4º A produção e a distribuição de recursos educacionais para a acessibilidade e aprendizagem incluem materiais didáticos e paradidáticos em Braille, áudio e Língua Brasileira de Sinais - Libras, **laptops** com sintetizador de voz, **softwares** para comunicação alternativa e outras ajudas técnicas que possibilitam o acesso ao currículo. (BRASIL, 2011, p. 01)

Os recursos são a base do aprendizado dos alunos com deficiência, pois eles são adaptados para facilitar melhor no aprendizado deles. No decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, art. 4º, há uma mudança em relação ao decreto 6.253 de 13 de novembro de 2007

Art. 4º O Poder Público estimulará o acesso ao atendimento educacional especializado de forma complementar ou suplementar ao ensino regular, assegurando a dupla matrícula nos termos do art. 9º-A do Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007.

O decreto 6.253 de 13 de novembro de 2007 dizia:

Art. 9º-A Para efeito da distribuição dos recursos do FUNDEB, será admitida a dupla matrícula dos estudantes da educação regular da rede pública que recebem atendimento educacional especializado. (“Caput” do artigo acrescido pelo Decreto nº 6.571, de 17/9/2008, com redação dada pelo Decreto nº 7.611, de 17/11/2011, republicado no DOU Edição Extra de 18/11/2011)

O decreto do nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 diz que estimulará que o AEE tenha matrícula dupla para atendimento no contra turno e sala regular. A partir do decreto 6.253 de 13 de novembro de 2007, oficializou-se a dupla matrícula do atendimento educacional especializado e sala regular.

Na sala do AEE o aluno Surdo terá oportunidade de ter o atendimento do professor. Segundo Paraná (2016) o docente possibilita aos estudantes Surdos que frequentam no contra turno o descrito abaixo:

Desenvolverá ações para possibilitar ao estudante Surdo o acesso aos conteúdos curriculares; orientações para a realização de avaliações diferenciadas na escrita da Língua Portuguesa, reconhecendo a Libras como sua língua natural e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua e estratégias pedagógicas visuais de forma a atender às necessidades educacionais especiais dos estudantes Surdos. (PARANÁ, 2016 p.6)

Na sala regular os professores não são preparados para atender os alunos Surdos, não tendo estratégias de adaptação para os alunos Surdos. Já no AEE o aluno volta no contra turno e recebe atendimento oferecido pelo o professor especializado, com materiais e métodos adaptados. Por isso o AEE é muito importante para o Surdo, pois é o único lugar onde há um trabalho voltado para inclusão deste aluno no aprendizado.

### **3.4- LEI BRASILEIRA DA INCLUSÃO - LBI**

A LBI tem um objetivo de garantir a acessibilidade às pessoas com deficiência, que tem direito à igualdade em todos os lugares: na escola, na saúde, no lazer e em outros, pois fortaleceu outras leis e decretos sobre as pessoas com deficiência assegurando melhor os direitos das pessoas com deficiência. Ela é conhecida como estatuto da pessoa com deficiência (Lei 13.146, criada no dia 6 de junho de 2015 e aprovada no dia 2 de janeiro de 2016) e reforça as leis de pessoas com deficiência.

O art. da LBI fala sobre sua função social:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015, p. 01)

O art. 28º trata de parágrafos importantes sobre assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas; VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva; VII - planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva; X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado; XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio. (BRASIL, 2015, p. 08)

Esses parágrafos do art. 28 são de suma importância, pois garantem os direitos e são com esses meios de direitos que os alunos com deficiência tem oportunidade de terem um ensino melhor na sua forma de comunicação. Já no parágrafo II fala-se em garantir o acesso a todos os alunos com deficiência à participação das atividades com aprendizado e recursos de acessibilidade os quais apoiam nesta acessibilidade

Através da acessibilidade se eliminam as barreiras para alunos com deficiência e se consegue participar e ter aprendizado, mas sabemos que nem todos têm oportunidade de ensino e aprendizagem através de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras. O ensino educacional ainda precisa melhorar bastante para todos os alunos, pois ainda está em andamento a concretude da inclusão no aprendizado.

No parágrafo III fala-se de um projeto pedagógico sobre o Atendimento Educacional Especializado que o AEE deve garantir para os alunos com deficiência terem acesso ao conhecimento dentro do espaço. Ele é onde há mais oportunidades de aprendizado e através que conseguimos ter pleno aprendizado e conhecimento.

No parágrafo IV percebemos constar o direito do aluno Surdo ter a sua primeira língua a Libras e como segunda língua a língua portuguesa escrita. Destarte, no AEE pode-se trabalhar com os alunos ensinando primeiro a língua de sinais e posteriormente a escrita portuguesa.

Os recursos ofertados aos alunos com deficiência são métodos, técnicas pedagógicas, materiais didáticos, equipamentos e recursos tecnológicos assistivos de suma importância para os estudantes sem os quais o aprendizado se revela inviável. Por outro lado, o parágrafo VIII se refere a um estudo que os profissionais do AEE deverão fazer para entendimento deste aluno, quais as suas dificuldades e os respectivos métodos aplicáveis para o ensino e aprendizagem. Acredito que com planejamento e investigação de como se pode ajudar estudante, ele terá um rendimento melhor.

A lei assegura formação continuada no Atendimento Educacional Especializado e afirma que professores com formação para o atendimento educacional especializado podem atuar no AEE assim como o tradutor e intérprete de Libras e guias de intérpretes e de profissionais de apoio. Nesse sentido, a LBI fala ser preciso formar e disponibilizar esses profissionais por serem quem dará suporte aos alunos com deficiência. Percebemos no parágrafo VII que os profissionais fazem estudo e avaliação dos seus alunos no AEE de quais métodos devem se aplicar para ensinar este ou aquele aluno. Portanto, é importante a oferta de formação continuada e de professores no AEE com formação adequada.

Aranha (2002) afirma ser preciso atender a necessidade de cada aluno para favorecer o aprendizado.

[...] as Adaptações Curriculares, então, são os ajustes e modificações que devem ser promovidos nas diferentes instâncias curriculares para responder às necessidades de cada aluno e assim favorecer as condições que lhe são necessárias para que se efetive o máximo possível de aprendizagem. (ARANHA, 2002, P.5)

Brasil (2002) ressalta que:

[...] possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas circunstâncias, as adaptações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aluno (BRASIL, 2002, p.33).

Percebemos que fora do AEE é difícil encontrarmos profissionais os quais possam mudar um currículo dinâmico para o aluno Surdo aprender. Logo, dentro do AEE deve haver os profissionais que pensem em um currículo dinâmico para o aluno Surdo e os professores do AEE necessitam avaliar cada aluno para saber como se pode adaptar o currículo dinâmico de acordo com suas particularidades.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Atendimento Educacional Especializado ao Educando Surdo**

O professor entrevistado começou a trabalhar em 2007 na escola onde a pesquisa foi feita, porém ele foi chamado para trabalhar no AEE somente em agosto de 2017 com alunos Surdos no atendimento. A formação do professor é licenciatura plena em pedagogia e sua responsabilidade é ensinar a Língua de sinais para os alunos Surdos.

O professor contou da experiência que teve com o aluno José. No mês de agosto quando o docente começou a trabalhar *era difícil de trabalhar com esse aluno Surdo, pois o aluno sentia muita dificuldade nos assuntos de matemática, e também o aluno era agitado, não prestava atenção, por isso foi difícil no começo o aluno a se desenvolver*. O professor teve que ter muita paciência com o aluno Surdo e enquanto ensinava José demorava para assimilar e ficava imaginando até compreender. Ele sabia a Libras de maneira resumida e após muitos treinos, nos quais o professor passava

atividades com temas variados e os sinais, o aluno foi compreendendo devagar até se desenvolver bastante.

O professor diz que escolheu essa formação por conta das experiências tidas por meio das quais conheceu a realidade dos Surdos. Então acredita que ele se saiu bem trabalhando com os alunos Surdos. Trocando as experiências com eles e ensinando, acredita que o aluno terá um processo de ensino aprendizagem melhor no AEE.

#### 4.1- Prática Educativa

De acordo com o entrevistado “eu uso a parte do livro e várias outras brincadeiras sempre apresentando os sinais das Libras, eu ensino o sinal depois que ele viu e aprendeu, fez o desenho, olha para o desenho apresenta essa imagem para que ele veja, até que ele absorva e ele faz em Libras”. O professor mostra as imagens para os alunos, porque é mais fácil para o aluno aprender a linguagem de sinais através de imagens. Percebemos que o professor tem a sua estratégia mostrando imagens e aproveitando para fazer os sinais em Libras incentivando o aluno aprender em Libras e em português como L2

**Foto 1** – Professor ensinando o aluno Surdo no AEE.



arquivo pessoal 2019

As imagens ilustram o professor e os alunos Surdos na sala do AEE. O professor está ensinando a língua de sinais para o aluno e o aluno está fazendo a língua de sinais em alfabeto a letra I.

O professor deve ter ciência de ser importante para o aluno Surdo aprender primeiro a língua brasileira de sinais e depois aprender a língua natural de seu país, no caso do Brasil a língua portuguesa na modalidade escrita, pois o bilinguismo é uma necessidade para a inclusão na sociedade. Portanto o objetivo é ensinar ao aluno Surdo as duas línguas, mas não esquecendo de que se faz necessário que ele aprenda primeiramente a língua de sinais.

As práticas educativas do professor são realizadas mediante o uso de materiais como jogos de matemática, no ensino da língua portuguesa ilustra as figuras dos livros que é adaptado com imagem e há o uso de Libras e a escrita da língua portuguesa para os alunos Surdos. Quando o professor mostra as imagens, ele logo faz os sinais em Libras para aluno relacionar o significado destes com o objeto apontado pelo professor. Então o trabalho com esses alunos Surdos é um processo devagar e o docente deve ensinar quantas vezes for possível. Pode demorar meses para os alunos conseguirem compreender, mas com esforço do professor para ensinar o aluno Surdo a aprender, procurando estratégias em como deve melhorar, o estudante do AEE tem boas chances de aprender.

Então, o professor trabalha na melhora do desenvolvimento do aluno, usando materiais adaptados para alunos Surdos. O processo de aprendizagem do estudante nem sempre é demorado, porque a adaptação de materiais para os Surdos torna a compreensão mais acessível para o discente.

De acordo com Stumpf (2006, p.292) a criança surda deve primeiro aprender a língua de sinais e depois aprender a língua portuguesa, pois assim será mais fácil o aluno Surdo compreender os assuntos que os professores ensinam na sala de aula. A autora destaca que

O bilinguismo é o objetivo visado pela criança surda. Ela deverá adquirir duas línguas: a língua de sinais e a língua de seu país em sua forma escrita (leitura e escrita). Para atingir esse objetivo, a escola precisa em suas práticas trabalhar de forma diferente, usando uma pedagogia que possibilite ao educando atingir essa meta. (STUMPF, 2006, p.292)

Depois que o aluno apresenta um processo no desenvolvimento dele, aprendendo a língua de sinais, tudo fica mais fácil para compreender os assuntos e a comunicação fica mais fácil entre ele e os demais sujeitos.

São processos cognitivos desenvolvidos pelos estudantes quando tentam se comunicar na língua que estão aprendendo. Nesse processo, o aluno tenta superar as carências de sua competência linguística com o propósito de transmitir um significado de forma satisfatória (FARIAS, 2007, p. 45)

Observa-se que é a partir da aquisição de conhecimento da língua que está sendo ensinada que o aluno entra em um processo de desenvolvimento na comunicação pela qual tenta superar as necessidades básicas de sua competência linguística com objetivo de transmitir um significado de forma satisfatório para todos os envolvidos no processo de comunicação.

O entrevistado Pedro relatou que em sua prática educativa no AEE com alunos Surdos o aprendizado deles pode demorar, porém é preciso fazer um esforço para ensinar o aluno Surdo, procurando estratégias e se o professor do AEE se esforça o aluno consegue aprender de verdade com esforço do professor por incentivar sempre o seu aluno a aprender.

De acordo com Pedro o processo de aprendizagem “é um processo muito lento, percebo que é muito difícil é um esforço mútuo, eu procuro animá-los ensinando os materiais didáticos, são meses de muito esforço para que isso aconteça”.

Percebe-se que mesmo planejando o AEE para os alunos Surdos o processo de aprendizagem é difícil e faz-se necessária a participação tanto do professor como dos alunos. O planejamento, então, é de extrema importância no AEE com os alunos Surdos.

#### **4.2- Planejamento**

Nos planejamentos do professor, cada aluno Surdo tem o seu dia e horário de atendimento no AEE. Para o professor é melhor atender só um aluno no AEE por cada um ter a sua particularidade e os planejamentos precisam ser diferentes. Há um aluno Surdo com dificuldade na língua portuguesa e na Libras, mas na matemática ele consegue realizar as operações com rapidez, consegue fazer a soma. Por outro lado há uma aluna surda que sabe Libras e por isso o professor atende cada aluno individualmente. Portanto o professor trabalha com os assuntos que os alunos têm dificuldades e cada um têm dificuldades diferentes.

No planejamento é levado em conta a particularidade de aprendizagem do Surdo, através do visual-espacial, assim os recursos que possam a vim ser trabalhados com os Surdos são: jogos, imagens, caça palavras, questões visuais, sempre relacionando a figura com a palavra. Além da questão visual, se faz necessário relacionar a vida dos alunos com os conteúdos a serem ministrados, para que os mesmos aprendam de maneira significativa.

O planejamento tem como objetivo “facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas o professor deverá executar com os alunos em sala de aula” (LIBÂNEO 2008, p. 222). Por isso, ele é tão importante no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Libâneo (2008):

o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face

dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino ( LIBÂNEO, 2008, p.221).

Assim,

O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente (LIBÂNEO, 2008, p.221 e 222).

O professor planeja as atividades fazendo plano individualizado aos alunos Surdos. Em sala de aula Pedro sentou e separou as atividades que ia passar. Vale destacar que as atividades do professor tem muito uso de imagens e sinais em Libras junto com a língua portuguesa.

No final das atividades feitas pelo aluno, Pedro o liberou para brincar e pediu para o aluno escolher um brinquedo, o qual foi a dama. Logo, as atividades e os jogos oportunizaram o aluno a progressão na aquisição da Libras e no conteúdo ensinado. Destaca-se que a prática educativa de José pauta-se no diálogo com o aluno, na qual o professor apresenta o material didático e lhe ensina, em seguida perguntando se está certo tal sinal, parabenizando-o em cada acerto e lhe ajudando nos erros. Assim Pedro entende o erro como processo da aprendizagem

Desse modo, o professor faz os planejamentos adaptando-os com o uso de imagens, Libras e a escrita, materiais lúdicos e jogos. É um planejamento que precisa sempre organizar e pesquisa quais assuntos ajudam os seus alunos Surdos. A seguir as imagens que ilustram os materiais didáticos utilizados por Pedro no AEE

Foto 2 – Livro Adaptado com o visual das cores, sinais em Libras e escrita na língua portuguesa.



Fonte: arquivo pessoal

Nesta foto o professor mostra o caderno de materiais adaptados sobre cores na língua de sinais, escrita portuguesa e a imagem, para que os alunos Surdos possam ter

uma compreensão bilíngue no processo de aprendizagem. O outro material construído pelo professor faz referência às boas maneiras

Foto 3- Explicando as saudações de bom dia, boa tarde e boa noite e também o alfabeto.



Fonte: arquivo pessoal

O professor desenhou os materiais sobre *bom dia*, *boa tarde* e *boa noite* para os alunos compreenderem o que é, que *boa tarde* tem *sol* é e *claridade*; *noite* tem lua é e escura a noite. Na mesa tem os sinais de alfabetos na língua de sinais e escrita portuguesa.

As fotos dos materiais adaptados que o professor planeja adaptar para os alunos Surdos, com imagens, língua de sinais e a escrita portuguesa é também a foto dos jogos que o aluno mesmo que escolheu para jogar.

#### 4.3- Metodologia

Para que o ensino-aprendizagem ocorra de maneira efetiva e satisfatória é necessário o uso das metodologias diretamente ligadas à construção do conhecimento. Segundo Libâneo (2008, p.149) “o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. Estes, pelos estudos das matérias, sob a direção do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais”.

Segundo Giuseppe (1891, p. 79) metodologia nada mais é que o caminho “que conduz ao conhecimento e este é a energia que possibilita ação consciente do homem com relação ao meio, aos seus semelhantes e a si mesmo”. Para isso ocorrer de maneira eficaz cabe ao professor adequar as metodologias de acordo com a necessidade dos alunos da turma, esforçando-se para encontrar a melhor metodologia e a melhor

organização curricular e o melhor tipo de oferta educativa no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Giuseppe (1981):

O professor deve pesquisar formas de ensino que mais se adaptem aos seus alunos, aproveitando, quando viável, partes dos métodos e técnicas conhecidos, procurando estruturar novas formas de ensino mais ajustadas à realidade pedagógica que tenha de enfrentar. Essas novas formas de ensino devem perseguir melhor adaptação à realidade dos educandos, em consonância com os objetivos visados (p.85).

Ao adaptar as formas de ensino a peculiaridade dos seus educandos, o educador valoriza e respeita a diversidade destes e o tempo de sua aprendizagem. Então, cabe ao educador, segundo Libâneo (2008):

dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, utilizando intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos, a que chamamos métodos de ensino (p,150).

O autor afirma ainda que

O método de ensino expressa a relação conteúdo-método, no sentido de que tem como base um conteúdo determinado (um fato, um processo, uma teoria etc.). O método vai em busca das relações internas de um objeto, de um fenômeno, de um problema, uma vez que esse objeto de estudo fornece as pistas, o caminho para conhecê-lo.” (p,151)

As metodologias do professor do AEE ilustram-se na escrita da Língua portuguesa no quadro junto com a imagem correspondente ou quando ele ensina o aluno as operações da matemática. O professor diz que “ensina várias vezes até o aluno entender e quando o aluno fala que entendeu e ele percebe que o aluno não entendeu, mas ele não desiste de ensinar de novo, ensinar até o aluno entender”.

Nesse sentido, o professor tem um material com as letras em alfabeto em cada folha com a escrita e tem o alfabeto em Libras em cada folha. Ele pega a letra A, B e C na escrita e dá para o seu aluno ficando com a letra A, B e C com a Libras. Pega a letra B e mostra para o seu aluno e fala para procurar a escrita B e o aluno consegue desenvolver, às vezes errando, mas depois tendo um processo bom. É nítida a importância das metodologias visuais no ensino dos alunos Surdos.

As metodologias que o educador usa no ensino estão baseadas na pedagogia visual<sup>3</sup> abordando todo o conteúdo por meio de imagens, descrições ou ações, além de jogos, figuras e questões visuais. A pedagogia visual “está centrada no ‘ver’ e o

---

<sup>3</sup> Pedagogia visual consiste em uma técnica de ensino, em que as imagens são utilizadas como base na explicação.

professor deve realizar estratégias de ensino com base visual” (MARQUES, 2007, p.141).

Campello (2007) descreve a pedagogia visual através de uma narrativa de uma aula de ciências numa turma de 7ª série em que uma professora explica como ensinar aos educandos Surdos o tema da reprodução feminina.

Levantou os dois braços, com as mãos esquerda e direita abaixando, com as palmas das mãos um pouco fechadas e fechou as pernas. Com a mão direita, mostrou o processo da penetração do pênis no meio das pernas. As pernas representam a figura do canal vaginal e na ejaculação os espermatozoides entram por ele e vão subindo até o antebraço esquerdo e direito, que representam as trompas. A mão esquerda ou direita solta um óvulo e espermatozóide cruzavam-se e vão descendo até o tronco, que na figura representa o ‘saco vaginal’ e se fixam no útero. Algumas semanas depois, o embrião começa a crescer e mostrando o tronco vai crescendo, engordando para fora, gerando uma criança dentro dele. Após nove meses, a cabeça sai pelo canal vaginal entre as pernas, nascendo. (CAMPELLO, 2007, p.104 e 105)

A utilização da pedagogia visual não é gesto e nem mímica, pois ela está pautada na representação de signos. O educador faz uso de imagens, figuras e da incorporação teatral, isto é, dramatiza com o corpo o que deseja mostrar e ensinar aos educandos Surdos.

No caso da educação de educandos Surdos não é diferente, as metodologias tomam um papel de extrema importância, principalmente quando se considera a necessidade de utilizar-se a Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua percebida pelos olhos, por isso se faz necessário o uso de imagens coloridas, de diálogos, jogos entre outros recursos. Assim, a Libras, por ser de fácil acesso aos Surdos, tem uma função extremamente importante que é a de comunicação e a de suporte linguístico para a estrutura do pensamento. (OLIVEIRA, 2013, p. 486).

Então, percebemos que o professor se esforça para os alunos aprenderem de verdade. Ele faz uso do alfabeto em Libras, da escrita do português e de imagens e isso é uma pedagogia visual para alunos Surdos. Eles verão e entenderão que uma é a Libras e a outra é a escrita de português, conseguindo se desenvolver. Damázio (2007, p.45) afirma que “o uso de recursos visuais é fundamental para compreensão da Língua Portuguesa, seguidos de uma exploração contextual do conteúdo em estudo”.

Na sala do atendimento educacional especializado tem todos os materiais e recursos que os alunos precisam dentro do AEE os quais os auxiliam no desenvolvimento. Há vários materiais adaptados de português para Libras e também de matemática para Libras. Para alunos Surdos existem recursos tecnológicos como computador, impressora, televisão e também um ótimo visual na sala do AEE.

### **Recursos tecnológicos e jogos lúdicos adaptados.**

Foto 4 - Recursos tecnológicos do AEE.



Fonte: arquivo pessoal

Na sala do atendimento educacional especializado tem recursos tecnológicos para os professores e alunos usarem, auxiliando a prática educativa do educador, bem como a aprendizagem do educando.

Foto 5 - jogos lúdicos adaptados do AEE.



Fonte: arquivo pessoal

Na sala do atendimento educacional especializado tem uma prateleira com vários jogos para os alunos Surdos. Durante o período de vivência in loco pude perceber a utilização desses materiais no AEE dos educandos Surdos. Os jogos são importantes para eles, pois é pelo jogo que o aprendizado deles se potencializa. Estimulados, os alunos se interessam a aprender outros jogos e se tornam espertos, esforçando-se para fazer suas atividades.

Para Cunha (2004 p.12), brincar é algo que fará o aluno entender o mundo, o que é certo e o que é errado. É através do professor que o aluno vai aprender já que a família do aluno não entende a língua de sinais e não tem como orientar seus filhos. No AEE tem professor que sabe a língua de sinais e orienta seus alunos Surdos sobre como funcionam os jogos. Então através das brincadeiras que o aluno tem no AEE fazem o seu cérebro trabalhar mais rápido levando o aluno a ter menos dificuldade de entender. Logo

O brincar é a forma mais natural de uma criança agir e expressar-se; preservar sua espontaneidade é colaborar para sua saúde emocional. Através do brincar ela estabelece contato com o mundo ao seu redor e se apropria dele dentro dos limites de suas possibilidades; explora, descobre, transforma, exercita suas capacidades e constrói seu conhecimento. (CUNHA, 2004 p. 12).

A autora diz que ao brincar a criança se desenvolve, pois o conhecimento da criança se desenvolve através de jogos. Por isso é importante ter jogos lúdicos na escola, pois o professor trabalha com seus alunos jogando e promovendo o raciocínio lógico.

A sala de recurso multifuncional possui os seguintes materiais permanentes: computador, impressora e televisão que o professor pode usar no atendimento. Somando-se a esse material destacam-se os materiais didáticos como jogos lúdicos para os alunos brincarem, livros, dicionários da língua de sinais, jogo de dominó, jogo da memória e vários outros jogos.

Foto 6 - Jogos didáticos adaptados para alunos Surdos Foto 7- Materiais adaptados de matemática



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal

O material de alfabetização é adaptado para alunos com deficiência, baixa visão, cegos e Surdos. A sala possui mesas e cadeiras e dois quadros brancos. Todos esses recursos presentes na sala de recursos multifuncionais ajudam os alunos a terem um processo de ensino aprendizagem lúdico, fazendo uso desses jogos e materiais adaptados.

#### **4.4- Limites e possibilidades do AEE**

Um dos limites citados pela professora do AEE diz respeito à aquisição da Libras dos alunos Surdos. O entrevistado relatou que “no começo o processo é lento, mas é preciso ter bastante tempo e muita paciência com o aluno para ensinar os alunos na dificuldade que eles têm” (Entrevistado, 2019).

Somando-se a isso, o professor diz que “nas atividades os alunos pegam a atividade e ficam olhando e imaginando o que fazer, demorando para responder em Libras” (Entrevistado, 2019). Por conta disso, o professor precisa ensinar várias vezes até o aluno compreender e quando o professor percebia que o aluno estava compreendendo passava mais atividades para ele conseguir entender melhor ainda.

Os alunos Surdos do professor ainda estão aprendendo a Libras e sentem dificuldades. Mas com o tempo, quando o aluno desenvolver a Libras, ele terá um processo de entendimento melhor nos assuntos que o professor ministra na sala de aula. Ademais, muitos alunos do professor são adultos ainda aprendendo a Libras. Por isso sentem dificuldade de entender. Portanto

[...] a língua é considerada importante via de acesso para o desenvolvimento do Surdo em todas as esferas do conhecimento, propiciando não apenas a comunicação do Surdo com o ouvinte, mas também com o Surdo, desempenhando também a função de suporte do pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social. O Bilinguismo considera que a língua oral não preenche todas essas funções, sendo imprescindível o aprendizado de uma língua visual-sinalizada desde tenra idade, possibilitando ao Surdo o preenchimento das funções linguísticas que a língua oral não preenche. Assim, as línguas de sinais são tanto o objetivo quanto o facilitador do aprendizado em geral, assim como do aprendizado da língua oral. (BERNARDINO, 2000, p. 29)

Outra dificuldade descrita pelo professor é na confecção e organização dos materiais didáticos, os desenhos, na Libras e na escrita portuguesa, todos esses materiais o professor faz adaptação para os seus alunos Surdos, para depois ensinar. Ele destaca que “o ensino é lento e que preciso chamar a atenção do aluno para ele prestar atenção, isso é cansativo, mas não desisto, treino muito eles, até eles conseguirem compreender” (Entrevistado, 2019).

Por fim, a última dificuldade descrita pelo entrevistado é em referência ao tempo do atendimento e os dias nos quais ele acontece. O atendimento que o professor realiza com os alunos é uma vez por semana com o tempo de 45m. Assim, ele atende um aluno na segunda de manhã, outro na terça de manhã; atende um aluno e depois esse aluno vai embora e atende outro aluno que chegar depois desse aluno, e quarta e quinta e sexta o professor atende à tarde, cada um com o seu horário.

Então, para professor é melhor ter só um aluno para atender para ele se dedicar no desenvolvimento, porque se atender vários Surdos é complicado dar atenção e acaba não dando atenção nos desenvolvimentos do aluno. Outra sugestão seria aumentar o tempo do atendimento de cada aluno, para as atividades se tornarem mais intensas e favorecer a aprendizagem.

No 5º ano, eu tive a oportunidade de ter esse Atendimento Educacional Especializado. O atendimento que eu recebia era para desenvolver a língua portuguesa e os assuntos nos quais sentia dificuldades na sala de aula. Tive um excelente rendimento e desenvolvimento no AEE. Tive o atendimento por 4 anos e nesse período era raro eu faltar no AEE, porque as professoras do espaço me incentivavam e eu me interessava pelo o que eu estava aprendendo ali.

O tempo de Atendimento Educacional Especializado para alunos Surdos é curto e divididos os dias nos quais o aluno estudará. Nesse tempo curto o aluno continua com dificuldade e o aprendizado é pequeno. Com a minha experiência no AEE tendo o atendimento todos os dias tive evolução na Libras e língua portuguesa. Então será melhor todos os Surdos terem o atendimento todos os dias, pois assim o aprendizado é maior e eles terão um excelente desenvolvimento, interesse, aprofundamento dos conhecimentos dentro do AEE junto com os seu professores especializados na língua de sinais, pois fora do AEE não eles têm essa oportunidade de conhecimento.

Dentro do AEE o aluno Surdo se sente incluído nas atividades e brincadeiras junto com seus colegas e seus professores, pois eles sabem a língua de sinais. Os alunos Surdos não perdem a fala do professor no AEE, o que ocorre em sala regular; então percebem que no AEE o aluno se sente normal e incluído, pois fora da sala é outro mundo sem a comunicação com outras pessoas e sem igualdade de aprendizado e informações.

Joenk (2002, p. 10) com base em seus estudos sobre o pensamento de Vygotsky atesta que “o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua

espécie. Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e promove o desenvolvimento”

Percebe-se que o autor fala que para se promover um aprendizado é necessário haver um ambiente de inclusão e seres iguais a você. Um exemplo é o ambiente onde os Surdos se sentem incluído nas atividades e no AEE, com pessoais iguais aos demais colegas Surdos para ter a comunicação com a língua deles, a língua de sinais.

#### **4.5- Professor Surdo: modelo identitário e linguístico**

O professor acredita que a presença do professor Surdo no ensino de alunos Surdos é de extrema importância, uma vez que esse profissional já teve experiência de vida em como é ser Surdo e por isso entende as dificuldades dos alunos Surdos. Quando tem professores Surdos nas escolas, os estudantes Surdos se identificam com este professor e assim aceitam a sua identidade, sentindo-se mais livres para comunicar e dar sua opinião.

Quando o professor e o aluno utilizam a mesma língua, no caso a língua de sinais, a comunicação deixa de ser um problema. Quando ambos são Surdos, os interesses e a visão de mundo passam a ser os mesmos. A fluidez de comunicação possibilita as mais variadas trocas. (RANGEL & Stumpf 2010, p.115)

O professor relata que “o contato entre professor ouvinte e aluno Surdo não é melhor, o melhor é professor Surdo e aluno Surdo, porque a relação é na mesma língua e o desenvolvimento do aluno Surdo é mais rápido” (entrevistado, 2019).

De acordo com Rangel e Stumpf (2010) os alunos Surdos não conseguem ver o professor ouvinte como modelo identitário

Os alunos Surdos muitas vezes veem o professor ouvinte como um sujeito que não os reconhece em sua completude. O mesmo, infelizmente, também acontece na relação com os pais, seus irmãos, seus parentes, os adultos, quase todos ou todos os ouvintes com quem o Surdo convive. Quando essas pessoas não se inserem na comunidade surda ou não aprendem a língua de sinais, os Surdos não podem projetar-se neles. Suas expectativas de vida ficam reduzidas a espelhar-se na realidade dos Surdos com quem têm oportunidade de conviver (RANGEL, STUMPF, 2010, P.115)

Para o autor, seria melhor os Surdos terem contato com alguém com a mesma identidade que a deles para evoluírem. Assim o Surdo se desenvolve mais rápido já que tem contato com outro Surdo, podendo trocar ideias com seu colega Surdo.

Os Surdos viveram muito tempo sem terem a possibilidade de se mostrarem de exporem sua língua e cultura. Não possuíam direitos como sujeitos de uma sociedade. Por isso, ser Surdo é uma identidade que se aprende em grupo e só pode ser aprendida nos grupos dos Surdos. (PERLIN, 1998, p. 34)

O professor Pedro fala que “É importante o Surdo ensinar Libras, porque no contato com o Surdo, um Surdo entende o outro” estando de acordo com Perlin (1998), para quem também o contato com outro Surdo gera comunicação melhor. O Surdo se identifica com o outro e assim consegue ter uma construção melhor na sua vida.

É uma identidade subordinada com o semelhante Surdo, como muitos Surdos narram. Ela se parece a um imã para a questão de identidades cruzadas. Esse fato é citado pelos Surdos e particularmente sinalizado por uma mulher surda de 25 anos: aquilo no momento de meu encontro com os outros Surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificavam eles identificavam a mim também e fazia ser eu mesma, igual. O encontro Surdo-Surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem. (PERLIN, 1998:54)

Na fala do professor e da autora Perlin se mostra importante o Surdo ter alguém igual para se identificar gerando uma comunicação melhor. É imprescindível ter professores Surdos no AEE para atender alunos Surdos, pois eles entendem melhor por terem a mesma identidade que os seus alunos e o professor nesse caso possuir experiências, dificuldades e sentimentos de vida antes de se tornar educador. Por isso o professor Surdo com as suas experiências, dificuldade e com o entendimento dos seus sentimentos de vida como Surdo compreenderá melhor se seus alunos estiverem passando pelo que o professor passou quando era jovem, conseguindo auxiliar melhor seus alunos.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentou como objetivo esclarecer a importância do atendimento educacional especializado e as metodologias utilizadas pelo professor e como apoiar o aluno Surdo no desenvolvimento. O ambiente do AEE tem um ótimo visual para atender o aluno Surdo, pois tem vários jogos, recursos tecnológicos, livros, quadros, cadeiras e mesas confortáveis, tudo que um espaço formativo precisar ter para receber e atender o aluno, estimulando o aluno Surdo atendido.

O **planejamento** desenvolvido no AEE organiza quais métodos serão usados para trabalhar com o aluno Surdo e os dias do atendimento do aluno. As **metodologias** utilizadas na escrita portuguesa junto com o uso de imagens e Libras tornam clara a escrita portuguesa para este aluno. Os **limites e dificuldades** enfrentadas pelo entrevistado são o tempo do AEE do atendimento que o professor realiza com os alunos - uma vez por semana com o tempo de 45m. Assim, ele atende um aluno na segunda de manhã, outro na terça de manhã, atende um aluno e depois esse aluno vai embora e

atende outro aluno que chegar depois desse aluno e quarta e quinta e sexta o professor atende à tarde, cada um com o seu horário.

O professor entrevistado relatou que seria melhor atender individualmente o aluno Surdo, porque cada um tem as suas dificuldades. Entendo o professor, mas acredito que seria melhor atender o aluno Surdo em grupo, pois o contato com o outro Surdo auxilia o aluno a mudar o seu comportamento, a raciocinar e a ter consciência. A interação faz acontecer a segurança e confiança com o outro Surdo e ele aprende as atitudes de outros sujeitos, a interação pelas conversas sobre a situação diária fazendo reflexão. Então, o Surdo desenvolve o raciocínio e a consciência, já que a aprendizagem e o desenvolvimento humano ocorrem nas relações.

A **prática educativa** do professor contribuiu para o aprendizado do aluno Surdo, pois os conteúdos são adaptados. Por exemplo, para o aluno Surdo aprender a Libras precisa olhar primeiro a imagem para ficar claro para ele e entender o sinal em Libras. Posteriormente a escrita na língua portuguesa também tem dinâmica com os usos de jogos adaptados.

Percebi que o professor tem experiência profissional e humana sobre o atendimento educativo ao Surdo, por isso ele compreende como trabalhar com os alunos Surdos, sabendo que precisa adaptar. Logo, seria muito importante os professores terem experiência junto com os alunos Surdos antes de atuarem como profissional no atendimento educacional especializado.

No atendimento educacional especializado podem atuar professores Surdos ou professores ouvintes, porém a pesquisa ilustrou a importância da presença **do professor Surdo como modelo linguístico e identitário** aos educandos Surdos, pois ele conhece a realidade do ser Surdo, entende o que é melhor ao outro, pela experiência de vida que teve antes de se tornar professor; entende as dificuldades enfrentadas dos outros Surdos, a dor do aluno que vive um espaço formativo excludente, monolíngue e desigual.

A pesquisa foi de suma importância, pois possibilitou: a) lembrar minha trajetória escolar no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e aprofundar meus conhecimentos teóricos e legais sobre o tema; b) elucidar a importância da formação inicial e continuada de Libras aos professores que irão trabalhar com os alunos Surdos ou que já estejam em atuação; e c) problematizar a real necessidade da presença de um professor Surdo neste atendimento, enquanto modelo identitário e linguístico aos alunos Surdos.

## Referências

ARANHA, M.S.F. Formando Educadores para a Escola Inclusiva. 2002. disponível em: [www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm) - acesso em 20 de abril 2007.

BERNARDINO, Elidea Lucia. AbSurdo ou lógica?: a produção linguística do Surdo. Belo Horizonte: Editora Profetizando vida, 2000.

BRASIL, Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN -Adaptações Curriculares em Ação. Secretaria de Ed. Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de Novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 17 de novembro de 2011. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20112014/2011/Decreto/D7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2011/Decreto/D7611.htm)> Acesso em 10.03.2019

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. p. 28. [recurso eletrônico]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. p. 23. [recurso eletrônico]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.146/2015. Lei brasileira de Inclusão. 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146). Acesso em 10.03.2019

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB regulamenta a Lei no 11.494, de 20 de junho de 2007, e dá outras providências. Brasília, 2007.

COMENIUS, Estratégias e práticas em sala de aula inclusiva. 2012. Disponível em:<[http://www.irisproject.eu/teachersweb/pt/docs/tt\\_estrategias\\_e\\_praticas\\_wd\\_pt.pdf](http://www.irisproject.eu/teachersweb/pt/docs/tt_estrategias_e_praticas_wd_pt.pdf)> Acesso em: 22 nov. 2019.

CUNHA, Nylse Helena Silva (2004 p. 12). Leitura e escrita: o lúdico no espaço escolar katia ...[www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibid/trabalho...](http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibid/trabalho...)Katia Maria de Oliveira CUSTODIO, Ketulem Cristina Vieira ARANTES, Ducéria TARTUCI, Maria Marta Lopes FLORES.

DELIBERATO, D. apud MANZINI. Linguagem, Cognição e Ensino do Aluno com Deficiência. Marília: UNESP- Marília Publicações, 2001.

FARIAS, Maria Solange de. Estudo da interlíngua de brasileiros estudantes de espanhol apoiado na análise de erros. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Que educação nós Surdos queremos. Documento elaborado no pré-congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngüe para Surdos. Porto Alegre/RS: UFRGS, 1999. (Texto digitado).

FERNANDES, S. Práticas de Letramentos na educação bilíngüe para Surdos. Secretaria de estado da educação do Paraná, Superintendência em educação- Departamento de Educação Especial: Curitiba, 2006.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIUSEPPE, I. N. Metodologia do ensino: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1981.

JOENK, I. K. Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. Linhas (UDESC), Florianópolis/SC, v. 3, n.1, p. 01-12, 2002.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** 6ª ed. Porto Alegre: Medição, 2014. 95 p.

LACERDA, C. B. F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno Surdo. E agora? : Introdução `à Libras e educação de Surdos.**São Carlos: EdUFScar, 2013. 254 p.

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, M.C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO,1992.

MOREIRA, Patrícia Aparecida Leite. **O FATOR LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA SURDA.** 2007. [on-line]. Disponível em: . Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, I. A. de O; et al. Os dizeres de alunos Surdos sobre a prática de escolarização em salas comuns e salas de recursos multifuncionais. In: OLIVEIRA, I.

A. de O; (Org.). Práticas de escolarização em salas de recursos multifuncionais: dizeres de professores e alunos. Belém: EDUEPA, 2014, p. 133-153.

PARANÁ. INSTRUÇÃO Nº 08/2016 – SEED/SUED Disponível em [http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao082016s\\_ued.pdf](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao082016s_ued.pdf). Acessado em 06/11/2019

PERLIN, G. T. T. A cultura surda no espaço da educação bilíngue. In: CAVALCANTE, E. B; PINHEIRO, D. (Orgs.). Bilinguismo e Educação de Surdos. Recife: Imprima, 2014, p. 187-201.

PERLIN, G.. Identidades Surdas. IN: SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação. 1998.

PERLIN, Gladis T. T. Identidade surda e currículo. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Org.). Surdez: processos educativos e subjetividades. São Paulo: Lovise, 2000. cap. 2, p. 23 -28.

Pesquisa social: teoria, método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora) – Petrópolis, RJ: Vozes,1994.

PINHEIRO, Lucineide. Língua Brasileira de Sinais: Libras I. São Paulo: Know How, 2010.

RANGEL, G. M. M; STUMPF, M. R. A pedagogia da diferença para o Surdo. In: LODI, A. C. B; MÉLO, A. D. B; FERNANDES, E. (Org)s. **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**. Porto Alegre: Medição. 2012. P. 113-133.

SANTOS, COELHO, KLEIN, EDUCAÇÃO DE SURDO NO BRASIL E PORTUGAL: políticas de reconhecimento linguístico, bilinguismo e formação docente. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201608148639> e acesso 09.04.2020.

SCLIAR-CABRAL, L. Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aquisição sistemática de segundas línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Org.) Tópicos de Linguística Aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC. Série Didática. 1988. p. 40-49.

STUMPF, Marianne. Práticas de bilingüismo: relato de experiência. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, jun/2006, p.290-299.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.